

A Coluna do Kina

BELEZA UNIVERSAL: GOSTANDO DA MÉDIA

Universal beauty: Appreciating the average

Sidney Kina

Ao abordarmos o problema da percepção e do sentido da beleza, entramos em um terreno extremamente litigioso, mas onde a paixão por quantificá-la não é facilmente subjugada. Na verdade, a procura por um padrão de beleza universal remonta a Pitágoras e Platão, com ideais matemáticos da beleza, passando pela renascença, com Dürer, Leonardo da Vinci e outros artistas e filósofos, até os tempos atuais, sempre na tentativa de entendê-la e proporcioná-la. Entretanto, curiosamente, os estudos do que se denomina “biologia da beleza” tiveram seu início em 1870, com os trabalhos de Sir Francis Galton,¹ pelas superposições fotográficas. Na realidade, suas atividades não tinham nada em comum com a busca de padrões estéticos, porém seus achados causaram grande impacto no estudo da beleza humana. Em suas investigações, Galton procurava traços e impressões gerais comuns às mentes criminosas. Separava fotos de condenados por homicídio e assalto com violência, alinhava-os na altura da linha pupilar, sobrepunha as fotos e formava assim uma única imagem, composta dos rostos selecionados. Ele acreditava poder encontrar traços padrão, representativos das variações de um único tema: “o criminoso padrão”. Porém, uma surpresa: as superposições revelaram um rosto mais bonito do que os rostos individuais. Observando seu “criminoso típico” e os rostos dos criminosos individualmente, percebeu que “[...] as irregularidades perversas especiais desapareceram nos últimos [...] o retrato médio de várias pessoas não apresenta as irregularidades que corrompem diversamente a aparência de cada um deles”. Galton, infelizmente, não verificou com profundidade sua descoberta da “beleza das misturas”, provavelmente porque seu achado de um criminoso bonito não ilustrava nenhum dos pontos que ele defendia.

Hoje a superposição de fotografias nos ajuda a entender cada vez mais sobre alguns padrões de beleza na face humana. Programas de computador podem fundir centenas de imagens digitalizadas, e atualmente estudos em vários países utilizam essa tecnologia para testar o que conhecemos como a “beleza média”. Esses estudos vêm demonstrando que realmente as fa-

ces resultantes à média, em geral, são mais atraentes do que as faces individuais, que combinar dois ou quatro rostos produz ligeiros aprimoramentos, e que a combinação de 32 rostos torna a face composta resultante muito mais atraente, e apenas alguns poucos (felizardos) indivíduos são mais atraentes que os compostos.²⁻⁴

Nancy Etkoff⁵ observa: “[...] a maioria não evoca a palavra “média” quando vê um rosto bonito. Porém, neste contexto, média se refere à forma, e não à beleza. Em um mundo de narizes pequenos e narizes grandes, olhos amendoados e olhos redondos, rostos ovais e rostos redondos, lábios grossos e lábios finos, bocas grandes e bocas pequenas, o olho faz sua estatística, soma, divide, e chega a um valor intermediário”. Nesse caso, talvez a beleza dessas médias seja um reflexo de nossa sensibilidade aos projetos mais favoráveis da natureza, pois frequentemente as proporções médias significam padrões de saúde. O psicólogo Johan Koeslag⁶ acredita que a correlação de mediano e saudável é tão intrínseca na natureza que “[...] as preferências pela média estão impressas nos animais no cio”. Já o antropólogo Donald Symons⁷ propõe que preferimos um padrão estético impresso no tipo que corresponde à média devido a um mecanismo no cérebro que ele chama de “estratagem para medir a face”, que funcionaria de modo semelhante às superposições fotográficas. Ele observa: “[...] na medida em que a média de uma população tende a refletir o projeto mais favorável dos traços físicos, as pressões da seleção nos deram cérebros conectados para calcular médias e preferi-las”.

Então, se o belo é realmente a média, dentro de um padrão imposto à nossa mente por um mecanismo inato e universal, que armazena e tira à média dos rostos, devemos entender esse modelo médio, sua lógica e seus padrões também dentro do campo da odontologia estética. Buscar formas, referências e perspectivas que possam nos ajudar de maneira significativa na composição de nossos trabalhos clínicos, na devolução de dentições não só funcionais e biologicamente integradas, mas tam-

bém agradavelmente lindas. A harmonia da imagem – o belo e o feio – é determinada pelo olho do observador. Não podemos, de fato, determinar nada; o instinto e a percepção natural o fazem. Essa é a essência.

REFERÊNCIAS

1. Galton F. Composite portraits. *Nature*. 1878;18:97-100.
2. Langlois JH, Roggman LA. Attractive faces are only average. *Psychological Science*. 1990;1:115-21.
3. Grammer K, Thornhill R. Human (*Homo sapiens*) facial attractiveness and sexual selection: the role of symmetry and averageness. *Journal of Comparative Psychology*. 1994;108:233-42.
4. Rhodes G, Tremewan T. Averageness, exaggeration and facial attractiveness. *Psychological Science*. 1996;7:105-10.
5. Etcoff N. A lei do mais belo: a ciência da beleza. Rio de Janeiro: Objetiva; 1999.
6. Koeslag JH. Koinophilia groups sexual creatures into species, promotes stasis, and stabilizes social behavior. *Journal of Theoretical Biology*. 1990;144:15-35.
7. Symons D. The evolution of human sexuality. New York: Oxford University Press; 1979.

PARA SABER MAIS

Kina S, Bruguera A. Invisível: restaurações estéticas cerâmicas. Maringá: Dental Press; 2007.



Sidney Kina
 Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br